

# CONTRA UM MUNDO MELHOR

ENSAIOS DO AFETO

LUIZ FELIPE  
PONDÉ



editora**contexto**





Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia sem a autorização escrita da Editora. Os infratores estão sujeitos às penas da lei.

A Editora não é responsável pelo conteúdo deste livro. O Autor conhece os fatos narrados, pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

---

Consulte nosso catálogo completo e últimos lançamentos em **[www.editoracontexto.com.br](http://www.editoracontexto.com.br)**.

# CONTRA UM MUNDO MELHOR

ENSAIOS DO AFETO

LUIZ FELIPE  
PONDE



editora**contexto**

Copyright © 2018 do Autor

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

*Foto de capa*  
Divulgação

*Montagem de capa e diagramação*  
Gustavo S. Vilas Boas

*Preparação de textos*  
Lilian Aquino

*Revisão*  
Ana Paula Luccisano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Andreia de Almeida CRB-8/7889

Pondé, Luiz Felipe  
Contra um mundo melhor / Luiz Felipe Pondé. – 2.  
ed. – São Paulo : Contexto, 2018.  
160 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-520-0037-2

1. Ensaio brasileiro 2. Crônicas brasileiras 3.  
Filosofia – Miscelânea I. Título

17-1883

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:  
1. Crônicas brasileiras

2018

EDITORIA CONTEXTO  
Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa  
05083-030 – São Paulo – SP  
PABX: (11) 3832 5838

contexto@editoracontexto.com.br  
www.editoracontexto.com.br

*Para Danit, minha mulher, Noam e Dafna, meus  
filhos, que fazem minha vida melhor do que eu  
seria capaz de fazer por mim mesmo.*

*O que eu sei aos 60, sabia aos 20: 40 anos de um  
longo e inútil trabalho de verificação.*

Emil Cioran

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

A forma pura da pedra

Imperfeição

A ruína

Medos masculinos e mulheres obsoletas

Passado

Baratas

A janela

O gosto da culpa

Hamlet

A caça

Promiscuidade

Pureza

Nudez

Caráter

Jantares inteligentes

Ela

Nuance

O abismo

O rei Davi

Destino

Uma pequena moral

Agonia

Cotidiano

Dinheiro

Babel

Afrodite

A palavra mortal

*Wasteland*

Sobrevivente

Liberdade

Inferno

A face do filósofo hebreu

No Sinai

O autor



## INTRODUÇÃO

### A FORMA PURA DA PEDRA

Os ensaios e os fragmentos que aqui ofereço ao leitor são, no seu corpo, cenas de uma filosofia do afeto. O afeto que pensa o cotidiano. Na sua alma, estes ensaios são um tratado – aos pedaços, assim como eu – contra um mundo que mente sobre si mesmo. Dizia pedaços porque a descontinuidade descreve melhor uma filosofia do afeto, que se move a sobressaltos, e também porque o cotidiano é descontínuo. Sinto-me em casa numa filosofia que tem uma razão cética e uma sensibilidade trágica. Muita gente me perguntará ao ler estes ensaios: “afinal, por que sou contra um mundo melhor? E por que o ceticismo e a tragédia seriam a minha casa?”. A resposta a essas questões – por que sou contra um mundo melhor e por que o ceticismo e a tragédia são minha casa – se encontra nestes ensaios e fragmentos, de modo impreciso e incerto, e aos pedaços, como dizia anteriormente. Ao longo dos ensaios e dos fragmentos, o leitor perceberá que sou contra um mundo melhor, que sou cético e que carrego uma sensibilidade trágica, independentemente de minha vontade filosófica. E por quê? Porque o que nos humaniza é o fracasso, homens e mulheres muito felizes não são homens e mulheres. Tenho medo de pessoas muito felizes. A consciência trágica, seja ela cósmica, seja miserável, miúda e cotidiana, determina o horizonte onde se move o humano. Dedico essas palavras a todos os nossos fracassos, e com esses olhos atentos ao medo que porta seu nome próprio é que o leitor deve ler estes ensaios e fragmentos aos pedaços. Os ensaios se movem em dois níveis, mas em velocidade, assim como numa montanha-russa. Um mais superficial, rápido, no qual descrevo imagens, pressinto dramas, fotografo pensamentos na sua nascente. Noutro, mais profundo, em que mergulho na filosofia, indicando meu trajeto filosófico, apontando minha filiação, descortinando quem fotografa os pensamentos superficiais e sem peso que preenchem meu imaginário cotidiano. A passagem de um nível geográfico do pensamento para o outro se dá de forma abrupta, violenta, sem mediações nem concessões às dificuldades do leitor. Minha intenção ao fazer

uso dessa indiferença metodológica para com as dificuldades do leitor é testar seu fôlego. É necessária certa agilidade para acompanhar as passagens entre os dois níveis. Frases curtas (com o objetivo confesso de nunca dizer tudo que penso, nem tudo que sei sobre o assunto), falo aos homens e às mulheres do mundo contemporâneo, sem tempo, sempre com pressa e sem tempo; com pressa e fazendo contas; falando ao celular, enquanto fazem contas; correndo, assim como insetos assustados que correm como crianças com medo, em busca do repouso oferecido pela sombra e pelo esquecimento. E no futuro, sonhando com a vida silenciosa na forma pura da pedra. Uma pedra que presente a divindade.



## IMPERFEIÇÃO

Detesto a vida perfeita. E mais, com o passar do tempo, tornei-me um preguiçoso. Da preguiça facilmente se passa à tristeza. Resisto como posso porque minha fisiologia ainda está do meu lado. Como dizia Jorge Luis Borges, prefiro escrever textos curtos, falta-me a paciência necessária para textos longos. Claro que existem razões filosóficas para essa opção. A primeira delas é a preguiça enquanto tal, um vício, um pecado, algo que se deve evitar – tema amplamente tratado pela filosofia. E reconheço-me no pecado. Segundo alguns sábios, a preguiça seria uma espécie de ceticismo da matéria, do corpo. Nestes ensaios e fragmentos, a preguiça me persegue: quero ser rápido assim como quem rouba, assim como quem conhece a si mesmo e sabe que desgraçadamente cansa rápido de tudo que faz e quer. Minha inspiração dura pouco. Outra razão? Não confio mais em sistemas de pensamento organizados, não porque acredite nessa bobagem que hoje em dia os “idiotas” (de que nos falava Nelson Rodrigues nos anos de 1960) cultuam como uma verdade última: o caos inteligente. Não. Acho que a vida provavelmente não tem nenhum sentido, apesar de que é na sua forma profunda um movimento que busca a ordem. Em matéria de sentido, prefiro os antigos: Deus, a fidelidade, a castidade, a culpa, a disciplina, a família, o medo, Shakespeare, a Bíblia, a *Iliada*. Rejeito todos os novos sentidos: a democracia como religião moderna, a revolução sexual, que não passa de puro marketing de comportamento (continuamos a mentir sobre o sexo e a ser infelizes), a sustentabilidade (nova grife para o ambientalismo), a cidadania, a igualdade entre os homens, uma alimentação balanceada, o fascismo dos direitos humanos, enfim, tudo o que os idiotas contemporâneos cultuam em seu grande cotidiano. Aliás, aqui também tenho um parceiro ilustre: o filósofo romeno Emil Cioran (século XX), para quem só um mau-caráter ou a alma arrogante fazem sistemas em filosofia. O ceticismo (que, quando se instala em alguém como um modo da respiração, como em mim, ganha força de uma segunda natureza) não se delicia tanto em torturar almas

religiosas, mas sim encontra seu maior gozo em humilhar almas científicas, racionalistas e bem-resolvidas. Se você se acha uma pessoa equilibrada, dessas que respeitam o parceiro no amor, que creem na igualdade entre os sexos como adorno na sua cama de casal, que comem apenas comida saudável, que conversam com plantas porque se julgam mais conscientes, que se julgam sensíveis e honestas, que reciclam lixo, feche este livro. Todas as poucas palavras que você encontrará aqui são contra você. Não acredito em você. Você é um mentiroso, ou uma mentirosa. Chego a ter pesadelos nos quais o mundo se tornou sua casa e em que homens e mulheres só respiram o que acham correto. Dedico horas do meu dia a pensar em formas variadas de fazer gente como você sofrer. E isso em mim também é um vício. Quanto mais eu tento aceitar suas mentiras que enchem os filmes, os jornais, as novelas, os livros, as salas de aula, os tribunais, mais fracasso. Não consigo escrever ou pensar uma linha se não sai assim como um grito. Mas, se você for mesmo esse mentiroso e ainda quiser continuar a ler este livro, esteja à vontade. Talvez ele seja um paliativo para sua hipocrisia. Cansei da filosofia, por isso comecei a escrever para não filósofos, porque a universidade, antes um lugar de gente inteligente, se transformou num projeto contra o pensamento. Todos são preocupados em construir um mundo melhor e suas carreiras profissionais. E como quase todas são pessoas feias, fracas e pobres, sem ideias e sem espírito inquieto, nada nelas brota de grandioso, corajoso ou humilde. Eu não acredito num mundo melhor. E não faço filosofia para melhorar o mundo. Não confio em quem quer melhorar o mundo. É isso mesmo: acho um mundo de virtuosos (principalmente esses virtuosos modernos que acreditam em si mesmos) um inferno. Um bom charuto, cachimbo ou cigarro pode ser uma boa companhia na leitura destes ensaios. Ou uma mulher gostosa do seu lado, ou um homem charmoso. Depois do sexo – e do cigarro –, leia um desses ensaios, quem sabe a quatro mãos. Se acompanhados por uma música clássica, melhor ainda. Enfim, se você não tiver nenhum vício, daquele tipo de compulsão fora de controle que esmaga sua vontade, aí não há qualquer esperança para você. Vire budista. Esboço uma filosofia do cotidiano. O que é uma filosofia do cotidiano? É uma filosofia que acompanha você no trabalho, na cama, entre as pernas, no carro, no hospital, no cemitério, no celular, no avião, no *free shop*, no amor, no ódio, no ciúme, na

inveja, na gratidão. Uma filosofia ideal em meio ao cotidiano deveria caber numa frase que pode ser dita ao ouvido de uma pessoa numa festa quando você passa por ela. E por que uma filosofia do cotidiano? Porque o cotidiano é rasgado, na espessura das suas horas, por questões filosóficas clássicas. E como não temos tempo, não vemos isso com frequência. Quando enterra alguém que ama, diante do pó você sente o peso do vazio de seu corpo e de sua alma (creia nela ou não, você não escapará desse sentimento); quando adoece gravemente, é de novo o mesmo pó que em você estremece. Quando ama, teme a inviabilidade do amor ou a infidelidade inevitável. Quando tem filhos, sente o cheiro do abandono. Medos, medos e medos essenciais. Devemos nós nos dedicar apenas a bens materiais ou valemos pelo que somos? Seria essa questão o divisor de águas entre a ingenuidade romântica e a dureza da idade adulta? Somos capazes de escolher nossos valores ou a vida e a sociedade nos esmagam nos fazendo engolir valores sem qualquer escolha? Somos livres? E se formos, pagamos pela liberdade o alto preço da solidão e da insegurança? E, afinal, diante daquele pó de onde viemos e para onde retornaremos (aquele mesmo pó do qual você sente o cheiro quando chove, e a terra fica molhada à sua volta), quem somos? Seremos mais do que esse pó? Essa questão, tão filosófica, o acompanha ao médico, quando você vai ouvir resultados de exames de laboratório ou quando morre alguém que estudou na sua classe há apenas 20 anos. Tudo isso é concreto como uma pedra. A filosofia nasceu na Grécia com gente como Tales de Mileto, Sócrates, Platão e Aristóteles, uns 2.500 anos atrás, como uma tentativa de responder a questões assim, querendo fugir do mito, mas não conseguiu escapar plenamente do mito porque ele nos é visceral como uma pele. A ideia era compreender a vida apenas lançando mão de nossa capacidade de pensar e de observar o mundo naquilo que nele é visível. Há quem diga que fracassamos nessa tentativa, há quem diga que devemos sempre tentar. Pessoalmente, digo que nunca saberemos tudo, por isso sempre poderemos crer e dialogar com o invisível, e que a história dos últimos séculos nos provou que, quando deixamos de acreditar em Deus, sempre acabamos acreditando em qualquer bobagem como “História, natureza, ciência, energias, política, em si mesmo, tanto faz” (como dizia o escritor inglês Chesterton no começo do século XX). Para mim, Deus permanece uma ideia mais elegante. Saltará aos seus olhos o

fato de que não sou neutro na exposição dos problemas. Falo em primeira pessoa. Para falar em primeira pessoa, antes tive que viver o tédio da “profissão” de filósofo acadêmico (embora ainda permaneça sendo um deles) e seus rituais de aniquilamento da coragem intelectual em favor da banalidade profissional. Como disse Nelson Rodrigues, sou um “ex-covarde”. Ou, parodiando o filósofo francês e cético Montaigne (século XVI), “esta é minha metafísica”. Não a de ninguém mais, ainda que fale na companhia de muitos outros com quem concordo ou discordo. Assim, os pequenos ensaios que você tem em mãos foram escritos por um filósofo de carreira, que cumpriu todos os rituais exigidos e que finalmente os recusou. Hoje, os vejo como vazios de sentido. Alguém que passou pela faculdade de Medicina, trabalhou como voluntário num necrotério, formou-se em psicanálise e cada vez mais está interessado no que pessoas comuns perguntam, como disse certa feita o filósofo judeu-alemão Franz Rosenzweig (século XX), e cada vez menos interessado no que a universidade quer. E o que ela quer? Como comecei a dizer anteriormente, ela quer burocratas medíocres que se escondam atrás de grandes teorias para não confessar sua insegurança diante da temida falta de sentido da vida e de sua matéria concreta, o envelhecimento. Não controlamos a vida. Grandes planos podem dar em nada, ter fé pode levar você ao fracasso, acreditar em si mesmo pode levá-lo a erros definitivos, escolher ficar rico pode ou não dar certo, ter muito dinheiro pode sim garantir pessoas ao seu redor amando-o (Nelson Rodrigues dizia que dinheiro compra até amor verdadeiro...) ou pode levá-lo à solidão – enfim, não há garantias. É por isso que o normal é ser inseguro, mentiroso, covarde, e não santo ou corajoso. Cuidado, a leitura destes ensaios pode trazer efeitos colaterais: dúvidas, insegurança, insônia, raiva. Se isso acontecer, e você não gostar do que está sentindo, leia livros de autoajuda, tome remédios, faça meditação por cinco minutos. Mas não me entenda mal, caro leitor, pois não quero dizer que ser covarde é bonito ou louvável porque, enfim, a vida é dura e não parece ter sentido, e por isso valeria a pena ler livros de autoajuda. Acho que essa literatura não vale a pena, melhor sofrer sendo gente do que sorrir sendo uma pedra burra. Quero dizer que, ainda que a vida não tenha sentido, o mal vença, a mentira impere, foi exatamente o vício pela filosofia na sua busca incansável pela verdade que me trouxe aqui e que me levou a querer falar

com você, aí na sua cama, ao lado dessa pessoa que você não sabe mais se ama (ou se ela ama você), mas morre de medo de pensar nisso, ou no seu trabalho, esse lugar onde você dificilmente repousa ou confia em alguém, ou seja, no ínfimo lugar que você ocupa nesse oceano de pedras e silêncio no qual nascemos e no qual morreremos. Outra coisa: os ensaios foram pensados num tamanho que dê para você ler pelo menos um a cada dia. Mas, como tudo nesta coletânea é assistemático, os tamanhos variam, alguns beiram a miséria de conteúdo por ser meros fragmentos de pensamento, como “migalhas filosóficas”, nos termos do grande dinamarquês Kierkegaard (século XIX). Entretanto, o melhor é que leia todos, pouco importa a ordem, porque juntos eles comunicam de forma mais clara minha visão do inferno. Certa feita, o filósofo alemão Peter Sloterdijk (em atividade) me disse, em meio a uma conversa regada a charutos, cachimbos e vinho, que, numa época em que a covardia impera como lei da alma, em busca frenética de felicidade, o pensamento tende a se refugiar na forma de migalhas que têm a mesma missão da guerrilha, combater em *flashes* e se esconder. Adorno (século XX) disse a mesma coisa, de forma diferente: assim como Simmel (sociólogo alemão do início do século XX), devemos pensar com o lápis, isto é, fazer rascunhos, esboços, leves e efêmeros como forma de resistência a um mundo obcecado pela felicidade. O grande crítico e pensador Otto Maria Carpeaux (século XX) disse certa feita que um ensaísta é um escritor sério cujo texto é transfigurado por um raio de poesia. Não tenho poesia em meu sangue, mas tenho muita tortura e a partilho com você. E por fim: você deve ter percebido que citei Nelson Rodrigues algumas vezes neste pequeno ensaio. Sim. Ofereço a ele estes ensaios. Hoje, faltam homens como ele: homens que não têm medo. Assim como ele, não acredito num mundo melhor e direi isso de várias formas diferentes até morrer. Nos últimos séculos, acreditar num mundo melhor se transformou na pior prisão para o pensamento e para a alma. No limite, uma falha de caráter.



## A RUÍNA

O ceticismo me arruinou. Começou com exercícios de linguagem, observando suas incongruências na definição dos objetos e dos tempos verbais, depois comparando teorias sobre a vida após a morte a existências da alma e de Deus (coisas às vezes sem muita importância, dependendo da hora do dia ou da idade que você tem), para finalmente atingir a respiração, e aí talvez o dano seja irreparável, porque você se torna quase desumano. A falta de fé (em qualquer coisa) pode dar falta de ar. O mundo fica distante. Há algo na condição do ser humano que demanda certa ingenuidade ao olhar do cético. Não é humano saber que a vida é sustentada numa ilusão contínua. Pagamos um preço. Outro risco: pensamos que a dúvida, esse ácido do espírito, só afeta as ideias; mas não, ela também afeta a alma, o corpo, o desejo, os gestos, a capacidade de sonhar à noite. Os cétricos gregos já sabiam disso: chamavam o efeito da dúvida sistemática sobre os afetos de *apátheia* (viver sem paixões). Só que para os gregos isso era desejável. O cético viraria uma espécie de sábio *blasé*, com a alma sob controle. Talvez sim, mas comigo não foi assim. Hoje, luto contra a dúvida geral, o ceticismo em mim atingiu a matéria da alma, quase a reduzindo a nada. Não acredito em nenhum sistema de valor disponível. Ando como quem anda num deserto, sem direção e sem discernimento porque a paisagem é toda igual, feita da mesma matéria efêmera e sem forma. Acho que essa é a condição pós-moderna por excelência. Estes ensaios são um exercício dessa consciência que se desespera porque tudo vê e tudo analisa. Uma consciência saturada de informação e conhecimento. Um exercício de uma consciência em ruínas. Além do mais, não penso que essa seja uma tragédia particular minha; penso que se trata de uma experiência histórica. Caminhamos por ruínas, e isso me deixa um pouco mais feliz porque nelas me sinto em casa.



## MEDOS MASCULINOS E MULHERES OBSOLETAS

Este ensaio é uma breve reflexão do ponto de vista masculino acerca de algumas questões que afetam a relação entre homens e mulheres no momento contemporâneo. E, portanto, tudo começa com o advento da chamada emancipação feminina e o medo que ela causa nos homens que gostam de mulheres.

Não gosto do termo “emancipação”, mas, como ele é de uso corrente, farei uso dele aqui.

“Emancipação” não significa felicidade. Aliás, entendo “emancipação” da seguinte forma, e assim o leitor deverá entendê-la toda vez que aparecer neste ensaio.

“Emancipação”, para mim, define-se em três etapas:

1. Partir de problemas reais. Por exemplo, submissão de algumas mulheres a maridos insuportáveis por falta de grana para mandá-los para o inferno ou impossibilidade de mulheres herdarem patrimônios, como era prática comum no passado.
2. Solucionar esses problemas de modo eficaz. Por exemplo, divórcio, profissionalização definitiva das mulheres, nova legislação para proteção dos direitos das mulheres.
3. Negar sistematicamente os efeitos colaterais indesejáveis causados pelas soluções dadas (item 2) aos problemas reais (item 1). Por exemplo, mulheres independentes financeiramente, mas sozinhas e desesperadas que se iludem dizendo “pelo menos hoje eu posso transar livremente com meninos de 20 anos sem dar satisfação pra ninguém”, mães solteiras e disfuncionais cotidianamente, repressão sistemática pela mídia ou intelectuais engajadas de qualquer discussão séria acerca desses efeitos colaterais indesejados, acusando-os de mera propaganda machista.

Interessa-me principalmente aqui o item três, sobretudo naquilo que afeta diretamente os homens, que é quase tudo, porque, quando se é heterossexual, se é necessariamente dependente do que afeta “o outro”, isto é, o sexo oposto. Experiência estranha ao homossexual que não ama o outro (hetero) sexo, mas sim o mesmo (homo) sexo. Os dois outros itens já me cansaram, seja pela verdade deles, seja pelo sono que me causam.

Sim, os homens estão de saco cheio das mulheres emancipadas. Mas não podemos transar com nossas avós, nem queremos. Há coisas a aprender com a emancipação das mulheres. Mas, para começar a aprendê-las, é necessário que possamos falar do assunto, e raramente falamos disso, até porque nossas mulheres têm o hábito de falar em nosso lugar mesmo quando dizem que querem nos ouvir. A capacidade feminina de enterrar qualquer conversa num sem-fim de detalhes é atávica.

Alguns darwinistas remetem essa capacidade feminina infinita para falar ao fato de que nossas ancestrais viviam coletando com suas 33 crias e suas amigas e, enquanto isso, conversavam. Já nossos ancestrais, ocupados com a caça e o risco implícito nela, precisavam ser silenciosos e focados na presa, logo, os que falavam demais eram malsucedidos e por isso sumiram na poeira dos inadaptados. Já para as fêmeas, a conversa era parte do cotidiano saudável, e, por isso, as silenciosas não tiveram sucesso, porque eram isoladas e antipáticas.

Por razões evolucionistas ou não, os homens são “travados”, falam pouco e temem a intimidade consigo mesmos. Falta-lhes a “cultura da subjetividade”, normalmente farta nas mulheres. Isso dificulta as coisas em tempos de crise de identidade masculina, como a que vivemos. O escritor americano Philip Roth, em seu maravilhoso *O animal agonizante*, diz que existem vantagens na emancipação feminina, mas dificilmente os melhores entre nós percebem. Essas vantagens têm a ver com a superação da eterna e falsa fragilidade feminina, arma mortal usada contra os homens que querem “cuidar” das suas amadas. Temos vergonha de ser fracos e não atendê-las em suas demandas. E essa vergonha é utilizada dia a dia, sem nenhuma cerimônia, pela quase totalidade das mulheres. Dizem que existem mulheres que não fazem uso desse “recurso”, mas eu nunca conheci uma delas. Na

troca de pneus, no enfrentamento de brigas, nas dificuldades financeiras, nos fracassos em geral, se repete o uso desse “recurso”.

Segundo Roth, uma vez libertas das garras de uma sociedade que as impediria de crescer, as mulheres não mais poderiam se esconder atrás da fragilidade como destino feminino, mas sim alçariam altos voos por si mesmas e, assim, realizariam sua força até então reprimida. E aí entra a vantagem: os homens poderiam abandoná-las a sua sorte de solitárias livres quando se cansassem delas sem sentir culpa por suas misérias de mulheres abandonadas. Desse modo, estaríamos todos livres e solitários.

O primeiro problema é que, assim como a dominação muitas vezes é erótica na cama (ouvi-las gemer sob a força do sexo que as penetra é uma delícia), a dependência feminina sempre seduziu a maioria esmagadora dos homens. A dependência feminina sempre foi, no plano mais sofisticado da química entre os amantes, uma manipulação da qual o homem só escapa quando não ama a mulher. A única libertação seria a indiferença. Todo homem casado que ama sua esposa sabe que ela é quem manda na relação cotidiana: escolhe mesas em restaurantes, decide quais amigos vão ao cinema, manda em suas roupas, escolhe a casa em que vão morar, a cor das paredes, controla seus silêncios, interpreta seus sonhos. Engana-se quem supõe que detalhes assim não tecem a vida e contaminam a alma das pessoas. Uma mulher lhe diz se você é vencedor ou derrotado. Quando um homem cansa de obedecer, ele vai embora. Quando ele já não teme o que ela sente ou pensa, ela já está só. Sim, eu sei que isso pode ser visto como mera retórica machista: as mulheres podem mandar em casa, no microcosmo (diria La Beauvoir em seu *O segundo sexo*, bíblia feminista), mas os homens mandam no espaço público. O problema é que o amor não se dá no espaço público, e os homens cansam sim do “pequeno” poder feminino (que nada tem de pequeno) em seu cotidiano microscópico. Com o impacto das mudanças nas vidas das mulheres e dos homens nas últimas décadas, esse cotidiano microscópico passou a sofrer de novas agonias: quais os papéis sociais de homem e mulher? Ao final, a sutil dominação feminina sobre a alma masculina era o preço a pagar por sua infinita doçura hoje morta.

Mas deixe-me dizer um segredo, minha bela leitora: neste ensaio pouco me importa o que você ou qualquer outro argumento feminista queira dizer. Desta vez, eu falo e você ouve. Isso, claro, se você quiser ter alguma chance de escapar dessa cama solitária na qual você se deita todas as noites porque os homens ou bem têm medo de você e de seu sucesso e (pretensa) segurança, ou bem a acham uma chata que fala demais e (pensa) que sabe demais. Quem sabe posso ajudá-la a entender a “alma masculina” que algumas de suas amigas mais nervosas estão prestes a varrer do mundo, civilizand-a até a morte.

Não pense que, porque dormimos quando vocês querem discutir a relação, isso implica que não sabemos do que vocês falam. Levem a sério nosso tédio com o que vocês dizem. Ele fala da descrença (e do desencanto) que a experiência com o mundo prático gera com relação às palavras e também fala acerca de alguns medos essenciais que temos.

Quais são esses medos?

Antes de tudo, segure a respiração porque sei que você se apavora só em pensar que os homens têm medo de alguma coisa. A sensibilidade masculina a desorienta. Você só gosta dela nos filmes e nos carinhos no sexo. No fundo, você quer o monopólio da sensibilidade para si. E quer o mesmo homem de sempre (seguro, sólido, sem dúvidas), só não quer sentir-se submetida a ele.

Mas os homens têm sido empurrados para a sensibilidade e para a cultura da subjetividade. Talvez sempre fôssemos capazes disso, mas a vida tal como era nos poupava ou impedia. Agora nos afogamos em palavras que não dominamos.

Mesmo com toda a conversa da modernidade, os homens permanecem presos ao sentimento de que devem sustentar suas mulheres (quando de fato as querem para valer), e as mulheres também querem ser sustentadas. Podemos dizer que isso é cultura (isto é, poderia ser mudado via reeducação contínua) ou natureza inata (difícil de mudar). O problema é que sentimos que tudo que queremos (atenção, cuidados, delicadeza, dedicação, “a janta”) é opressão para as mulheres, enquanto tudo que caracteriza o desejo da mulher (ser meio paranoica com tudo, exigir mil coisas, ou mais, para se sentir amada suficientemente, fazer-nos esperar por elas, sermos capazes de saber de antemão o que elas querem que saibamos, darmos

presentes todos os dias) é direito da natureza feminina. Esse é um nó que, com o tempo, desgasta a relação no cenário cotidiano.

O sentimento é de exigência sem fim. Mas, por outro lado, não podemos exigir nada porque, de repente, acende a luz vermelha da “opressão sobre a mulher”.

Em sala de aula, quando discutimos questões assim, entre alunos de 20 anos, mais ou menos, a queixa masculina é sempre esta: temos que ser sensíveis, temos que ser durões (a própria metáfora física da potência sexual aponta para isso), temos que ser compreensivos, companheiros, mas..., mas, se chorarmos, se perdermos o emprego, se ficarmos tristes, já era... As mulheres são absolutamente insensíveis a qualquer sofrimento masculino que dure mais do que cinco minutos. Casamentos não resistem ao fracasso masculino, homens deprimidos são sistematicamente abandonados, enquanto mulheres deprimidas reconstróem a vida todo dia. Homens reconstróem suas vidas mais facilmente quando se casam de novo com outras mulheres mais jovens, mas dificilmente homens deprimidos casam de novo, comumente são recusados por outras mulheres porque quase sempre a depressão masculina vem junto com perda financeira e perda de saúde, e mulheres, normalmente, não suportam homens fracos e sem dinheiro. Mulheres deprimidas saem mais facilmente da depressão, muitas vezes sem ter o seu casamento original danificado.

O que homens de 20 anos sentem é que não há plano B para eles. Casamento e paternidade não são suficientes nem para eles como sucesso masculino, nem para suas namoradas. É comum, nesta dita era pós-moderna, ouvirmos mulheres discutirem opções como “quero trabalhar, mas não tanto que ponha em risco a maternidade”. Ou discutirem opções profissionais “que estejam em sintonia com sua energia pessoal”. O homem sente que isso não existe para ele. Não há opções, a não ser o sucesso profissional que deve sustentar todo o resto, mesmo que esteja vivendo com uma mulher emancipada e bem-sucedida. O único ganho real do homem com a emancipação feminina, como diz Roth, é poder abandoná-la à sua sorte sem culpa. E os melhores entre nós nunca fariam isso.

Nada mudou no mundo, tirando o fato de que nós perdemos todos os “direitos” que tínhamos.

Essa realidade, essa sensação de injustiça cometida contra os homens, produz comportamentos de baixo investimento afetivo porque muitos de nós caímos na fobia. Medo de investir e receber de volta uma petição de direitos, que vai desde o direito a deixar a cozinha vazia até o de deixar a cama desinteressante e o afeto desorientado, mas com a manutenção da exigência de alta renda por parte dos homens. Isso nos estimula à canalhice por razões “sociopolíticas”: “hoje em dia as mulheres têm não os mesmos direitos, mas mais direitos, logo, de mim, elas não tirarão nada”. O cinismo, como sempre, aparecerá na sua face profunda: ressentimento agressivo.

Algum tempo atrás, uma aluna num curso em que as pessoas eram velhas (tipo 40 anos, mais ou menos) fez um desabafo: “os homens me punem porque sou emancipada”. Minha cara, os homens não punem você. Eles têm medo e ressentimento porque sabem que não têm nenhum direito diante de sua infinita insatisfação (traço eterno da mulher), nem diante (depois das últimas décadas) da sociedade, porque não querem o horror de ser chamados de machistas. O resultado é a fuga.

Com o passar dos anos, os homens envelhecem e mudam, e também o seu olhar sobre as mulheres. Pior ainda se pensarmos em homens mais inteligentes e exigentes. Não, não basta “trazer uma cerveja e vir pelada”. O problema é que as mulheres, na realidade, apesar de dizerem que buscam homens mais inteligentes e exigentes, não estão preparadas para isso quando encontram. Para além das fantasias da empregada, da enfermeira e da colegial, queremos sutileza e pouca preparação. Mais espontaneidade e menos obviedade. Não acredite na história de que somos gorilas com pouco pelo. Os homens buscam menos controle sobre o que pensam e sobre o que devem fazer para serem vistos como “bons companheiros”. As regras da civilização da emancipação fazem a mulher ficar excessivamente desinteressante e interesseira.

A Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia muitas vezes apenas atrapalham. A Filosofia idealiza, fazendo-nos pensar que o amor seja mais do que é – banal, passageiro, incoerente. A Sociologia contamina o amor com suas bobagens foucaultianas: dar um presente para uma mulher é assediá-la, querê-la dominada sobre uma cama, machismo atávico ou falocentrismo. A Antropologia

relativiza tudo, fazendo o amor romântico ser mais uma mania, como comidas ou bebidas típicas, ou mera invenção da literatura ocidental. A Psicologia nos obriga a levar Freud para a cama, faz da paixão um sintoma. Você não é apenas você, você é sua classe social, sua cultura, seus traumas, suas ilusões e idealizações. Informação demais atrapalha. Torna a ação confusa, insegura, desorienta o que em nós é hábito.

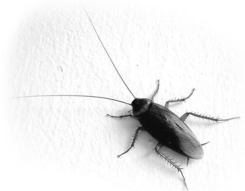
A grande metáfora da condição masculina, independentemente de qualquer blá-blá-blá moderno, é: diante de uma mulher carregando algo pesado, se você não carregar para ela, é um mal-educado, um covarde, um fraco. Mesmo que ela seja “culpada” por tentar transportar algo com peso acima de sua capacidade, ao homem ainda é negada a possibilidade de dizer “não”. Quando amamos, carregamos tudo com felicidade. Se o peso for exagerado, morreremos, mas não desistiremos de carregá-lo se amarmos a mulher que está do nosso lado. Normalmente, antes de tudo, morrerá o amor por ela.

Talvez o resumo da ópera seja: o homem precisa aprender a dizer “não”, assim como a mulher aprendeu. Ela diz “não” para a cozinha, para a maternidade, para a virgindade, para a fidelidade, sob as palmas da cultura pós-moderna. Como uma liberta das amarras do passado, ela caminha solta em meio aos escombros de seus velhos papéis sociais. O homem precisa aprender a dizer “não” para a mulher que se oferece sexualmente, para a suspeita sobre ele lançada de que não seja capaz de sustentá-la (em todos os sentidos da palavra), para a obrigação de estar sempre presente quando ela desperta de seu sonambulismo emancipado e volta à atávica cobrança de sempre.



## PASSADO

Quando li *Origem* de Thomas Bernhard (escritor austríaco do século XX), senti uma imediata sinergia: sua demolição das lembranças infantis e adolescentes me tornou um irmão seu. Não guardo nenhuma sensibilidade especial pelo passado. Minhas lembranças de infância são quase insignificantes, as amizades, um dia essenciais, se apagaram. Talvez eu seja um homem sem alma. Talvez minha alma seja constituída do tipo de substância inútil e efêmera da qual são feitas as cinzas. Com isso não quero dizer que não tenha mágoas ou lembranças. Sou banal. Quero dizer que, quando olho para trás, vejo sombras num deserto sem apelo emocional. Claro, fiz análise por anos. Talvez os analistas digam, a partir de sua ciência de anatomistas de almas, que tenho problemas. Sim, tenho muitos. Mas não chorei a morte de meus pais. Deve haver amor em algum lugar da casa em que vivi quando criança, mas não sei onde. Sei, sim, que havia (e há) falta de ar.



## BARATAS

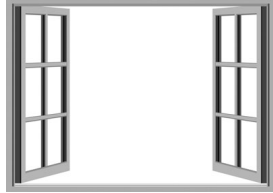
É comum se dizer que as baratas sobreviveriam a desastres nucleares. Isso deveria ter sido levado mais a sério. Não no sentido comumente explorado pelo cinema B, mas no sentido do profeta Kafka: a besta em nós não está em nosso passado, mas em nosso futuro. E o engano mais comum nessa matéria se dá pelo fato de que o aliado da condição de besta no humano é a sistematização da vida em busca da felicidade plena.

Todo mundo já ouviu falar do livro *A metamorfose* de Kafka, o livro em que o personagem Gregor Samsa amanhece transformado num inseto e morre de depressão na janela. Aliás, janelas são lugares típicos onde morremos à espera de uma redenção que nunca chega. O próprio Kafka volta a essa imagem outras vezes em sua obra.

Um dos trechos inesquecíveis é quando a jovem barata passeia pela parede do quarto. Sei que especialistas dirão que Kafka nunca usa a palavra “barata” no livro, mas os especialistas aqui pouco importam, a tradição dos leitores imortalizou a barata em Kafka. Ela é parte da formação de qualquer amante da literatura. E mais: o importante na leitura de um livro como esse é como ele faz você ver a barata no seu espelho. Em Kafka, a literatura se realiza quando você vê a barata refletida no espelho. Ao final, a barata Samsa morre de tristeza na janela.

Mas voltando às paredes do quarto. Muitas vezes, em horas de agonia, contemplamos as paredes e o teto de nosso quarto, mergulhados no silêncio da solidão. No trecho em questão, a jovem barata caminha pelas paredes e pelo teto, deixando uma espécie de gosma marrom produzida por suas infinitas perninhas. Essa mesma gosma a faz capaz de andar de lado e de cabeça para baixo, coisa que, quando humano, Gregor não conseguia fazer. Aí já vemos um dos ganhos de Gregor em virar uma barata. No mundo melhor que desprezo, as baratas teriam uma passeata anual e direito a direitos humanos, porque uma delas foi capaz de se emocionar ao experimentar a nova forma de liberdade presente em suas perninhas

e sua gosma marrom. Suspeitava Kafka, não sem alguma razão, de que o darwinismo falava de nosso futuro e não de nosso passado. Uma barata feliz pode ser uma opção.



## A JANELA

A maior impostura moderna não é sua utopia racionalista, mas sim sua denegação sistemática da infelicidade. Pagamos por esse ônus cada vez que mentimos organizadamente. A afirmação de que a modernidade está em crise é já senso comum, temos até mesmo uma grife para essa crise: “pós-modernidade”. O epicentro da crise seria a descoberta de que a razão – essa “deusa” dos iluministas – não é um agente autônomo porque vítima das paixões. Essa dependência da razão não é um fato “recém”-descoberto. Já no século XVIII, o romantismo alemão afogara essa iludida razão no oceano contextual do “espírito do povo” (*Volksgeist*), e o cético David Hume declarava sua condição de escravo das paixões. Mesmo antes disso, grande parte da reflexão filosófico-religiosa interna à tradição abraâmica (judaísmo, cristianismo e islamismo) nunca legitimou tal delírio racionalista – o que, a rigor, implica a consciência de que a aposta moderna num caráter humanista e racionalista já era para a teologia, na sua fonte, má-fé ou ignorância. No fundo, trata-se apenas do orgulho humano em querer ser mais do que é: não somos animais autônomos na cadeia de produção de sentido. Resumindo: não somos nós que produzimos conscientemente o que faz sentido em nossas vidas. Esse fato ilumina uma realidade contínua acerca da produção do saber humano: nossa cadeia de produção de sentido não é historicamente cumulativa (grandes cadeias de sentido podem ser sepultadas com o declínio de grandes civilizações), nem carrega em si um eixo essencialmente justificável. O acaso, o pecado, a injustiça, a miséria, a escuridão, a guerra, tudo pode produzir sentido. Ao elegermos apenas a razão feliz como máquina de sentido, ignoramos o possível mistério na experiência humana de atribuição de sentido. A crítica dessa ilusão foi feita sem misericórdia por gente grande como Santo Agostinho, Freud, Marx ou Nietzsche (de modos diferentes): pecado, inconsciente, ideologia, relativismo, convencionalismo, gênero, enfim, o racionalismo seria uma forma sofisticada de impostura. Resta-nos criticar outra impostura moderna: o fetiche da

felicidade, esse “falso” universal que escapou à navalha de Ockham, o franciscano antimetafísico do século XIV imortalizado por Umberto Eco em seu livro *O nome da Rosa*, ali chamado de Baskerville. Penso que essa outra crítica é mais dura de ser feita porque suas causas e seus efeitos estão mais “fisiologicamente” impregnados na química humana: a busca da felicidade seria nosso atavismo biológico. Todavia, essa mesma natureza biológica seria a plataforma na qual se narra o fracasso último e necessário da fisiologia humana (que prova a impostura infeliz da felicidade): a morte e sua crônica anunciada, o envelhecimento. Um modo de descrever esse envelhecimento é o lento – na maioria das vezes – processo de invasão da vida pelas diversas faces da morte. A razão desesperada necessita fazer aqui uma ação rápida em favor da impostura: precisamos multiplicar os modos sofisticados de denegar esse processo e, assim, criarmos uma razão feliz, ainda que ao final se trate apenas de uma mentira elegante.

Evidentemente, o envelhecimento não é uma invenção moderna, tampouco o são a felicidade e a obsessão por ela. A Filosofia mesma já teceu poemas sobre essa obsessão. O ser humano padece dessa mania porque obviamente é um “ser-para-a-infelicidade”. O fundamental seria identificar qual é a relação específica entre modernidade e (in)felicidade. Essa relação caracteriza-se, dentre outros modos de descrevê-la, pela técnica denegativa dessa condição íntima humana (o ser-para-a-infelicidade), técnica esta que, em muitos casos, constituiu-se num repertório variado de pseudoteorias a serviço do fetiche da felicidade.

## O FRACASSO

O psiquiatra e filósofo alemão Karl Jaspers sintetiza assim o *éthos* que rompe com essa denegação (e que aqui defendo):

As situações limites – a morte, o acaso, a culpa e a desconfiança que o mundo desperta – me ensinam o que é fracassar. O que farei diante desse fracasso absoluto, a visão do que não posso escapar quando represento para mim mesmo as coisas honradamente?

(Karl Jaspers, *La filosofia*, México, Fondo de Cultura Económica, p. 19, trad. minha)

O que define o “moderno” tardio diante da aporia humana é a “desonra” (no sentido de Jaspers) em não encarar que a consciência é, em última instância, uma

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Contra um Mundo Melhor: Ensaios do Afe..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).